

A COESÃO E A COERÊNCIA TEXTUAL NA AQUISIÇÃO DA ESCRITA: UMA ANÁLISE EM TEXTOS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Antonia Karolina Bento Pereira
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
Cryslene Dayane Bezerra da Silva
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
Francisca Joselânia da Silva Bento
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da linguagem seja oral ou escrita na criança sempre gerou muitas discussões entre leigos e estudiosos, pois, ambas são processos longos e complexos. Durante a aquisição da escrita, por exemplo, a criança apresenta dificuldades em separar uma linguagem da outra, isto é, tende a escrever da mesma maneira como fala uma vez que esta última se desenvolveu primeiro. Por esse e outros motivos, muitas crianças não conseguem fazer uso correto de elementos textuais como a coesão e a coerência.

Esses dois fatores da textualidade são fenômenos distintos e muito importantes no processo de construção de um texto fazendo com que o mesmo seja um todo significativo. Neste sentido torna-se necessário e fundamental diagnosticar e tentar solucionar os problemas de coerência e coesão encontrados nas produções textuais dos educandos.

Em meio a essas dificuldades, mais especificamente durante o processo de aquisição da escrita, desenvolveu-se este trabalho, tendo como objetivo analisar a coesão e a coerência em textos de crianças, apresentando esses dois fatores textuais como sendo importantes e indispensáveis em um texto. Para tanto, tomamos como *corpus*, textos de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, os quais foram produzidos em aulas de Língua Portuguesa, no período de março a maio de 2012, na Escola Municipal Sebastião Leite, localizada no município de Doutor Severiano – RN.

Para a consecução deste artigo, foram adotados procedimentos metodológicos que envolvem três etapas: inicialmente, nos dedicamos à pesquisa bibliográfica e estudo das teorias envolvidas no trabalho. Por conseguinte, nos detemos na análise do *corpus*, textos de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Finalmente, apresentamos nossas considerações

finais, sintetizando os resultados obtidos e destacando algumas contribuições e perspectivas de aplicação desta pesquisa.

2 O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E AQUISIÇÃO DA ESCRITA

O surgimento da escrita ocorreu através de um longo processo, sendo utilizado como uma forma de comunicação que se desenvolveu durante tempos posteriores ao aparecimento e incorporação da linguagem. Para Stampa (2009, p. 51), a escrita é “um método de comunicação criado pelo homem que faz parte de um processo que levou milhares de anos até o aparecimento do alfabeto de 23 letras usados pelos romanos durante os séculos a. c.”.

Com o desenvolvimento do alfabeto a escrita passou a estabelecer relações entre sons e letras, isto é, os sons da fala, representados na pré-história por desenhos, passam a ser representados por letras e, em contrapartida, as letras se transformam em sons. Nesse sentido, pode-se encontrar palavras escritas da mesma forma como são faladas, constituindo-se assim como uma transcrição fonética. No entanto, pode-se também encontrar palavras pronunciadas de uma forma, mas escritas de outra, ou seja, nem sempre se escreve da maneira como se fala.

Em virtude disso, durante o processo de aquisição da escrita a criança tende a incorporar algumas marcas da oralidade em seus textos. Embora o aprendizado da língua escrita não seja exatamente similar ao da língua oral, é útil prosseguir com o contraste entre as atividades sociais frente às duas aprendizagens.

Stampa (2009) considera que:

[...] existe uma relação entre oralidade e a escrita, isto é, a escrita representa a oralidade. Porém, esta representação não se dá da forma de uma transição fonética. Algumas palavras podem ser escritas de uma forma muito próxima do modo como são faladas, mas isto não é uma regra geral. É essa uma das questões da linguagem que confunde o aprendiz. (STAMPA, 2009. p.52).

Geralmente, a criança apresenta uma grande dificuldade na utilização das normas ortográficas. Isso ocorre pelo fato de ela não ter a capacidade de compreender as diferenças existentes entre a fala e a escrita, ou seja, durante o início do processo de apropriação da escrita, a criança vai apresentar deficiências em aspectos formais relacionados com a grafia e com a estruturação do texto, pois a escrita exigirá relações que são complexas entre os sons e letras, além da adequação na expressão da mensagem que se pretende passar com o que se escreve.

Segundo Stampa (2009), esse fato acontece devido à criança adquirir primeiro a linguagem oral, para só então desenvolver a linguagem escrita, assim, nada mais lógico que reproduza na escrita o que fala. Moraes (1997) *apud* Stampa (2009, p.54), afirma que “o ato de escrever desenvolve-se à medida que a criança é capaz de compreender a relação que a fala mantém com a escrita e a forma como a primeira pode ser representada pela segunda”.

Neste sentido, a aquisição da escrita constitui-se em um processo difícil para a criança. Um processo que exige acesso a informações relacionadas com aspectos sociais em que a escrita seria para fins específicos. Não é linear, mas com períodos precisos de organização, para cada um dos quais existem situações conflituosas que podem antecipar-se. Conforme vai crescendo a consciência fonológica aprendida pela educação adequada, a criança vai passar a escrever ortograficamente correto, mas sabemos que esse é um processo duradouro e que se estende durante a vida de cada pessoa.

Além disso, é importante lembrar que as crianças que convivem diariamente com livros, revistas e entre outros meios de comunicação, adquirem com mais facilidades os requisitos necessários para uma leitura e escrita mais eficaz. Deve-se ressaltar, ainda, que para escrever bem não basta apenas compreender a relação entre fala e escrita, é preciso organizar as ideias, levando em consideração a existência de um leitor.

Assim, de acordo com Stampa (2009), escrever um emaranhado de palavras e frases soltas, algo ditado ou copiado não é a mesma coisa de produzir um texto, uma vez que esta produção é envolvida por “problemas específicos” de estruturação do discurso, de coesão, de argumentação de ideias e escolhas de palavras, do objetivo, do destinatário do texto, dentre outras questões.

3 ELEMENTOS DA TEXTUALIDADE: COESÃO E COERÊNCIA TEXTUAL

A coesão e a coerência são aspectos fundamentais para o estabelecimento de uma comunicação efetiva por meio da linguagem escrita. Embora diferentes esses elementos da textualidade se unem para construir e dar um sentido aos textos. No entanto, ao falarmos em textos coesos e coerentes não significa que o produtor tenha clareza do que seja realmente essa coesão e, conseqüentemente, essa coerência.

O processo de aquisição desses componentes textuais não é fácil para a criança, ao contrário, é um processo longo que a mesma desenvolve conforme seu crescimento e uma

educação adequada. Além disso, o processo de leitura e reescrita de textos contribui para o aperfeiçoamento dos mecanismos da coesão e da coerência.

A reescrita propicia a criança condições de reelaborar o seu texto, refletindo sobre a função das palavras no contexto em que estão inseridas e percebendo o verdadeiro sentido da organização textual, articulando o plano da expressão e plano do conteúdo.

3.1 Coerência textual

A coerência textual permite que o texto seja contextualizado e compreendido, garantindo que ele não apresente ideias que se contraponham. De acordo com Antunes (2010):

A *coerência* concerne a um [...] encadeamento de sentido, a convergência conceitual, aquela que confere ao texto *interpretabilidade* – local de global – e lhe dá a *unidade de sentido* que está subjacente à combinação linear e superficial dos elementos presentes ou pressupostos. A coerência vai além do componente propriamente linguístico da comunicação verbal, [...] decorre não só dos traços linguísticos do texto, mas também de outros elementos constituintes da situação comunicativa. (ANTUNES, 2010, p. 35-36).

Neste sentido, não existe regra formal para determinar a coerência. Um texto será coerente quando o leitor possui conhecimentos que permitam a compreensão da mensagem. No entanto, um conjunto de palavras não se constitui exatamente em um texto, é necessário e fundamental que o mesmo apresente continuidade, não se contradiga e possua uma ideia central. Em outras palavras, a unidade de sentido constituinte de um texto é estabelecida na interlocução entre os usuários de acordo com a situação comunicativa e com os recursos linguísticos empregados.

3.2 Coesão textual

A coesão é um elemento textual que tem como função articular os segmentos do texto, sendo fundamental para o estabelecimento da unidade de sentido e da unidade temática do mesmo. Assim, um texto é coeso se suas partes estão interligadas, se há continuidade e unidade de sentido.

Neste contexto, esse elemento da textualidade é responsável pelo encadeamento das ideias do texto, ou seja, promove a conexão de partes do texto garantindo seu sentido. Partindo disso, Antunes (2010) destaca que:

A *coesão* concerne aos modos e recursos – gramaticais e lexicais – de inter-relação, de ligação, de encadeamento entre vários outros segmentos [...] do texto. Embora seus recursos transpareçam na superfície, a coesão se fundamenta nas relações de natureza semântica que ela cria e, ao mesmo tempo, sinaliza. Ou seja, pela coesão se promove a *continuidade* do texto que, por sua vez, é uma das condições de sua *unidade*. (ANTUNES, 2010, 35).

Diante disso, percebemos que a continuidade instaurada pela coesão é responsável pela continuidade semântica e é estabelecida pelas relações de reiteração, associação e conexão. Para que essas relações se concretizem, são necessários vários procedimentos e recursos que “costuram” os enunciados e constituem o texto formando o que se chama de coesão sequenciadora. Além disso, outros elementos têm a função da retomada do texto constituindo a coesão por remissão. Esses são os elementos catafóricos e anafóricos.

A catáfora se refere ao uso de elementos coesivos responsáveis pela antecipação de referentes em um texto. Já o termo anáfora está relacionado ao uso de expressões que se reportam a outras expressões, enunciados ou conteúdos já referidos no texto, relacionando, assim, dois elementos, sendo um deles o antecedente e outro o elemento anafórico.

Dentro desse contexto, podemos afirmar que a coesão e a coerência andam juntas na formação de sentido de um texto, embora ambas sejam fenômenos diferentes. Além disso, elas constituem fatores de grande importância no processo de aquisição da escrita.

4 ANÁLISE DA COESÃO E DA COERÊNCIA EM TEXTOS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Para a realização deste trabalho, analisamos textos escritos por crianças do 6º ano do Ensino Fundamental, sobre diversos assuntos, levando em consideração a coesão e a coerência no processo de aquisição da escrita. Para a análise, foi feito um recorte dos textos dos alunos, pois dessa maneira é possível chegar mais objetivamente às conclusões. Os trechos foram transcritos tal como o aluno escreveu e os recursos da coesão e da coerência estão destacados, em negrito, para melhor identificação.

Durante o processo de análise dos textos encontramos muitas falhas e deficiências na escrita das crianças, muitas delas relacionadas à ortografia, pontuação, concordância e marcas da oralidade. Essas falhas contribuem muito para a produção de uma escrita incoerente e pouco coesa.

No que se refere à coesão e coerência, podemos perceber que os textos analisados deixam a desejar. No trecho abaixo, partindo de uma visão geral, conseguimos identificar que

fala de uma pessoa e da sua vida, no entanto, se formos analisá-lo por partes, observamos que as ideias são quebradas. O texto não segue uma sequência lógica e a falta de pontuação ajuda no comprometimento do sentido.

“Meu nome é Ana Clara **eu** gosto **Muito** de assistir Rebelde depois que **Saio** da minha casa de manhazinha. **eu** vou pra escola e quando saio da escola **eu** vou esperar o ônibus para ir para casa **eu** tenho 11 anos **eu** também gosto muito de tocar violão **eu** ainda **to** aprendendo **A** tocar mas e muito **Bom**”.
(ALUNO 1)

Podemos observar que o texto pode ser dividido em três partes: na primeira parte a criança fala como se chama e de algo que ela gosta de fazer. Em seguida, inicia outro assunto descrevendo sua ida e vinda da escola. Já na última parte a criança informa a sua idade e volta a falar de seus gostos. Observamos que no desenvolvimento de sua escrita, a criança demonstra dificuldades em apresentar uma sequência de ideias, não consegue usar elementos coesivos para dar continuidade ao seu texto. Por não ter domínio desses elementos, a criança faz uso constante do pronome pessoal **eu**, dificultando a compreensão do texto uma vez que a coesão existe em função da coerência. Além disso, percebemos erros de pontuação, de grafia, marcas da oralidade, como a expressão **to** e o uso inadequado de letras maiúsculas e minúsculas nas frases, como as palavras **Bom**, **Muito** e **Saio**.

Neste mesmo sentido, no trecho abaixo, percebemos que o texto resume-se a uma série de frases soltas que são encadeados apenas por estarem centradas no mesmo tema, ou seja, se examinarmos bem, constatamos que a ordem em que cada frase aparece não importa para o entendimento do todo. Poderíamos alterar a sua sequência que não haveria problema.

“[...] **Você** parecer ser uma pessoa muito legal, **Divertido** e **Educado**. Eu **gastei** de **Você**. **Você** é um ótimo estagiário e **explicar** muito **bom**”.
(ALUNO 2).

Permanece o uso inadequado de letras maiúsculas e minúsculas, a falta de elementos coesivos para articular as ideias, bem como a repetição do pronome **você**, o que dificulta continuidade do texto pela articulação e encadeamento de seus segmentos quando o educando não faz as escolhas adequadas para referenciar ideias relatadas anteriormente. Além dos erros de concordância e conjugação verbal.

Já no trecho a seguir, observamos o uso de expressões utilizadas na fala substituindo os elementos que estabelecem coesão em um texto.

“[...] **Rolo** o primeiro beijo dele com a outra **há** eu fiquei com ódio e logo dei uma resposta para o **david dissi** – sim, quero **Namora Você** “ e **ai rolo** o

Nosso primeiro beijo **ai** eu fui apresentar para o Pedro o **david** [...]" (ALUNO 3).

A presença de expressões como “ai” e “rolo” são marcas da oralidade que podem, muitas vezes, comprometer um texto, visto que não são permitidos na escrita. Observamos ainda, que a criança não se preocupa com a organização de sua escrita, ela apenas transcreve o que vem em sua mente como se estivesse narrando um fato oralmente. A mesma faz o uso das expressões citadas anteriormente no intuito de dar progressão a suas ideias, mas deveria ter utilizado conectores que estabelecessem a coesão em seu texto. Nota-se também que o aluno do 6º ano não tem certo domínio sobre o uso da ortografia e nem mesmo de como aplicar as regras de pontuação, escrevendo um texto desconexo, em que as ideias são soltas.

Talvez pela falta de conhecimento de mundo, de leitura ou mesmo de uma discussão com o professor sobre o tema do texto, o aluno tenha a dificuldade de desenvolver seus conceitos. Diante desses aspectos o texto se torna carente de coesão e coerência no assunto discutido.

Outro fato que interfere na construção do sentido é a falta de concordância no uso do número (singular e plural) em relação ao nome, como por exemplo, nas passagens:

“Eu amei estar esses dias com **vocês**, Kléber e Daysa, **vocês** são **maravilhoso**, como professores que pena que **você** não vão ficar muito tempo, com a gente mais tem nada não vou lembrar sempre de **vocês** muito obrigada **vocês mim ensinou** muitas coisas [...] tenha um ótimo Natal e um Feliz ano novo [...]”(ALUNO 4).

Observando a produção do aluno, é possível perceber o emprego repetitivo e desnecessário do pronome **você**, que poderia ser substituído por elementos anafóricos amarrando as ideias, identificando e retomando os personagens envolvidos na história. A falta de uma pontuação adequada, mais uma vez acaba comprometendo o sentido do texto.

Percebemos, de uma maneira geral, que os alunos apresentam dificuldades para estabelecer em suas produções alguma forma de unidade ou relação entre elementos de seus textos. Acabam por produzir muitas frases soltas, sem estabelecer uma relação entre enunciados citados anteriormente. Além dos problemas relacionados às regras de pontuação, ortografia, de concordância, o uso de tempos verbais, marcas de oralidade e o uso inadequado de elementos coesivos.

As análises em questão nos oferece propriedade para afirmar que durante a aquisição da escrita a criança apresenta um déficit no que se refere à coesão e a coerência, acabam na grande maioria das vezes, apenas materializando suas ideias de forma desordenada, através das palavras, de frases soltas que não apresentam clareza e sequência de ideias.

Diante disso, é necessário destacar a importância do trabalho com a reescrita do texto do aluno tanto no aspecto coesivo como no que diz respeito à continuidade, repetição, progressão e articulação. As atividades de reescrita mobilizam a criança a análise e aprimoramento dos seus textos, contribuindo para o perfeito entendimento dos mecanismos da coesão e da coerência presentes nos discursos. Para isso, cabe ao professor auxiliá-las a fim de que as mesmas assimilem os novos conceitos que surgem a cada reescrita.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises realizadas, podemos verificar que a grande maioria dos alunos no processo de aquisição da escrita, mais especificamente relacionado ao domínio da coesão e da coerência, apresentam alguns problemas de ordem sintática que podem prejudicar a unidade semântica e coerente do texto.

Os alunos demonstram dificuldades em empregar corretamente os sinais de pontuação, os quais muitas vezes prejudicam o entendimento e a coerência do texto. Além disso, parecem desconhecer o uso das regras das letras maiúsculas. Não fazem uso de sinônimos, formas de recorrência ou de reiteração, ou seja, os alunos não dominam ou não entendem os elementos da coesão e, por essa razão, apresentam em seus textos repetições de palavras de um mesmo campo lexical.

As marcas da oralidade também são constantes nos textos em análises. Por esse motivo, é preciso que o professor reforce para a criança, durante o processo de aquisição da escrita, as semelhanças e diferenças entre a linguagem escrita e a falada, isto facilitaria muito sua vida escolar e a escrita de textos.

Diante disso, percebemos que o papel da escola juntamente com o do professor seria apenas aperfeiçoar os conhecimentos dos alunos, já adquiridos quando aprenderam a falar, ensinando como transportar esses conhecimentos para a linguagem escrita. Além disso, estabelecer o contato do aluno com os diversos tipos de linguagem escrita para que eles possam ampliar seu repertório de mecanismos coesivos para a construção de textos coerentes.

A leitura, revisão e reescrita dos textos também são encaminhamentos fundamentais para o aprimoramento da escrita dos alunos, uma vez que, conscientes dos seus problemas sintáticos e textuais, o aluno produzirá textos coerentes e coesos.

Não pretendemos com este trabalho inovar nem esgotar as possibilidades de análise dessa temática, mas esperamos que este estudo possa contribuir para novos aprofundamentos em relação a esta temática e mostrar a importância do trabalho com os elementos da textualidade, em especial a coesão e a coerência, no processo de aquisição da escrita. Além disso, buscamos incentivar a leitura, revisão e rescrita dos textos em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M. **Cenas de Aquisição da Escrita: O Sujeito e o Trabalho com o Texto**. São Paulo: Mercado de Letras, 2006.
- ANTUNES, I. C. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- BALIEIRO JR. A. P. Psicolinguística. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (org) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 2. São Paulo: Cortez, 2001, p. 171-201.
- CAPRISTANO, C. C. **Segmentação na Escrita Infantil**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FÁVERO, L. L. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 1991.
- GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- SATAMPA, M. **Aquisição da leitura e da escrita: uma abordagem teórica e prática a partir da consciência fonológica**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.